

CARRETEL

FUNDAÇÃO IBERÊ



#10

DEZEMBRO
JANEIRO
FEVEREIRO
2022/2023



#03 Iberê nas
Escolas

#05 7 Mestres do Design
Gráfico Japonês

#07 Trama:
Arte têxtil

#12 Carlos Zilio
Pinturas

+ André Ricardo
+ Residência Iberê
+ Sheila Hicks
+ Fundação Iberê 2023



a bruxa e o vovô
de feliz natal e
ano novo
Luiz e Maria

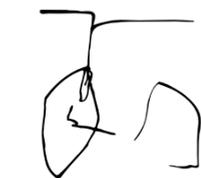
Mais um ano termina e não podemos deixar de agradecer.

Agradecer aos artistas, curadores, apoiadores e patrocinadores que, através da atenta liderança de nosso Conselho e diretores, garantiram a excelência de nossa programação neste ano de 2022, construída pela afinada equipe da Fundação Iberê.

Ao público que nos prestigiou, nosso muito obrigado.

Boas Festas e um 2023 repleto de alegrias!

Emilio Kalil
Diretor-superintendente



Fundação **Iberê**

CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente

Arthur Bender Filho
Arthur Hertz
Beatriz Bier Johannpeter
Celso Kiperman
Dulce Goettens
Fernando Luís Schüller
Frances Reynolds
Glaucia Stifelman
Hermes Gazzola
Isaac Alster
Jayme Sirotsky
Joseph Thomas Elbling
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Livia Bortoncello
Nelson Pacheco Sirotsky
Olga Velho
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio D'Agostin
Wagner Luciano dos Santos Machado
William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Cesar Pilla
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Gilberto Schwartzmann
Heron Charneski
Ricardo Russowsky
Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Mathias Kisslinger Rodrigues
Diretor-Presidente
Daniel Skowronsky
Vice-Presidente
Anik Ferreira Suzuki
Ingrid de Krões
Jorge Juchem Zanette
Justo Werlang
Patrick Lucchese
Pedro Dominguez Chagas

CARRETEL
FUNDAÇÃO IBERÊ

Editores

Emilio Kalil
Roberta Amaral

Revisão

Midiarte Comunicação

EQUIPE

Diretor-Superintendente
Emilio Kalil

Superintendência-Executiva
Robson Bento Outeiro

Secretaria Executiva
Martha Oberst
Nara Rocha

Comunicação e Imprensa
Roberta Amaral

Design e Plataformas Digitais
José Kalil

Programa Educativo
Lêda Fonseca, consultoria pedagógica
Ilana Machado, coordenação
Raphael Costa, assistente de coordenação
Beatriz Martini da Silva, Caroline Fiabane,
Felipe Guimarães, Marcella Freitas Schott,
Marcelo Neves e Sofia Mazzini, mediação

Acervo/Ateliê de Gravura
Eduardo Haesbaert
Gustavo Possamai

Administrativo/Financeiro
Luciane Zwetsch
Guilherme Collovini, assistente

Consultoria Jurídica
Silveiro Advogados

Gestão do Site e TI
Machado TI

Produção
Thiago Araújo
Fernanda Queiroz Alves

Conservação e Manutenção
Lucas Bernardes Volpato, consultor
Arnaldo Henrique Michel, encarregado
Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

Comunicação Visual
Pomo Estúdio

Loja Iberê
Leonardo Martins Picoli

Receptivo
Andressa Dresch
Gabrielle Aguiar Lopes
Laura Palma

Capa

Carlos Zilio. *A Querrela do Brasil*
(detalhe), 1979, Foto: Vicente de Mello

Projeto Gráfico e Diagramação
Pomo Estúdio

Iberê nas Escolas Eldorado do Sul semeando Arte e Cultura

“Todas as artes contribuem para a maior
de todas as artes: a arte de viver.”

Bertolt Brecht



7 Mestres do Design Gráfico Japonês

Em 2022, o Programa Iberê nas Escolas ocorreu no Parque Eldorado, na zona rural de Eldorado do Sul, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. Buscou agregar vivências artísticas a jovens de 9 a 15 anos, trazendo integração social e cultural ao desenvolver instrumentos da arte-educação que possam ser utilizados de maneira autoral e criativa no apoio de suas aprendizagens.

Além de visitarem as exposições da Fundação Iberê e de outros centros culturais de Porto Alegre, os estudantes também tiveram, em seus encontros e oficinas, acesso a conhecimentos e experiências das mais diversas referências e linguagens artísticas, como: artes da palavra (escrita criativa e gêneros literários); artes do corpo (dança e performance); artes do som (musicalização e cultura popular); artes visuais (desenho, pintura, escultura, arte urbana, audiovisual, histórias em quadrinhos) e artes cênicas (teatro e jogos teatrais).

No final de ano, o teatro foi a linguagem utilizada como recurso didático para inserção dos temas transversais de suas atividades diárias e para apresentação à comunidade. As oficinas da atriz, bonequeira e professora de danças circulares Elaine Regina, que atuou trazendo a dança, ritmização e jogos teatrais, exploraram a capacidade de expressão corporal, a comunicação verbal e não-verbal dos estudantes, além de trabalharem a reutilização de materiais de descarte para a confecção de

máscaras/objetos cênicos, desenvolvendo a ludicidade dos estudantes e apresentando novas técnicas de produção cênicas.

Dando continuidade à linguagem do teatro, a oficina, bonequeira e diretora de arte Maíra Coelho trabalhou a linguagem teatral de luz e sombras, desenvolvendo a investigação de diferentes sensorialidades e o uso de ferramentas singulares, como retroprojetores, lanternas e outros geradores de luz somados à experimentação de materiais, como água, terra, folhas, papéis e tecidos de diferentes texturas. Os estudantes exploraram repertórios variados para criar narrativas, cenários, ambientes, filmes e outras realidades inventadas, propiciando um canal para poder contar histórias, abstratas, ficcionais ou mesmo biográficas a partir de suas experiências pessoais, do seu entorno ou mesmo encontradas na literatura, na música, na indústria cultural, na poesia, que os represente, auxiliando na promoção da liberdade criativa e do potencial expressivo.

As atividades e as oficinas artísticas proporcionaram o trabalho em equipe, sustentando os desejos e habilidades de cada estudante, bem como valorizando os aprendizados e os territórios por eles explorados. Dando ênfase, ao mesmo tempo, para o individual e o coletivo, estimulando a autoconfiança, a autoexpressão e contribuindo para diversas esferas da vida. ■

Mariah Pinheiro

Supervisora Pedagógica do Programa Iberê nas Escolas



Admirar um bom cartaz é se deparar com uma imagem que, através dos olhos, vai direto à alma, nos colocando à margem da indiferença. É, também, experienciar um jogo da arte envolvendo apenas papel, imaginação e luz.

Herdeiros de uma tradição milenar, os japoneses não têm obstáculos para se fazerem contemporâneos. Firmes em suas raízes, encontram a melhor forma de atravessar o tempo – não para serem outros, mas eles mesmos em permanente transformação, com suas raízes e visões projetadas no horizonte.

Certa vez, um designer afirmou que o cartaz teria seu equivalente literário na epígrafe; no caso desta mostra, arriscaríamos dizer que é no Haiku, antiga forma de poesia japonesa de grande concentração conceitual, fruto de uma contemplação ativa. Assim, um cartaz bem resolvido proporciona imagens estimulantes, repletas de conteúdos que comunicam diretamente ao nosso ser, como neste haikai, escrito em cerca de 1684:

Velho tanque.
Uma rã mergulha.
Barulho da água.

Matsuo Basho

tradução de Cecília Meireles

Através de poucas palavras, este haikai ilustra a natureza contemplada por Bashō. São imagens e sons realizados com precisão em nossa consciência, tendo como instrumento a linguagem escrita: palavras filtradas pela percepção de espírito do seu autor.

Estamos, sem dúvida, diante da obra, que não é o objetivo, mas o caminho de sete criadores que proporcionam um meio, uma direção e um significado à arte do design gráfico, nos mostrando, através de diferentes formas, uma característica que os une: a excelência imaginativa, a qualidade da produção e a difícil simplicidade na qual se resolve o desafio de criar um cartaz para comunicar mensagens artísticas, culturais, comerciais e sociais.

7 Mestres do Design Gráfico Japonês apresenta na Fundação Iberê 45 cartazes, incluindo exemplares com forte relação com o ukiyo-e, um gênero de estampa japonesa semelhante à xilogravura.



Ikko Tanaka



Takashi Akiyama



Trama: Arte Têxtil no Rio Grande do Sul

Em uma viagem a Toronto, em 2017, a curadora de **Trama: Arte Têxtil no Rio Grande do Sul**, Carolina Bouvie Grippa, visitou a mostra *Sheila Hicks: Material Voices*, no Textil Museum of Canada. Sheila consagrou o retorno do têxtil ao campo da arte, desenvolvendo uma obra que há mais 50 anos oscila numa interseção entre arte, design, artesanato e arquitetura. Atenta ao que acontecia na arte contemporânea, ela optou por trabalhar com artistas e artesãos de todo o mundo, explorando de modo criativo as técnicas tradicionais da manipulação têxtil e usando o fio para jogar-entrelaçar-brincar com formas, assimetrias, materiais, tensões, relaxamentos e cores.

Emocionada com o que viu, Grippa retornou ao Brasil e começou sua pesquisa sobre a tapeçaria e a arte têxtil. Lembrou-se de apenas duas exposições sobre a presença de obras semelhantes à de Sheila Hicks: *Percurso do Artista – GONZAGA*, de Luiz Gonzaga, na Sala João Fahrion, na Reitoria da UFRGS (2014), e *Zoravia Bettiol – o Lírico e Onírico*, no Margs (2016).

Durante a investigação, a curadora percebeu um vazio historiográfico que a inquietou e a levou a estudar arte têxtil no trabalho de conclusão de curso no bacharelado em História da Arte da UFRGS, com orientação de Joana Bosak de Figueiredo e, depois, no mestrado em História, Teoria e Crítica de Arte, com orientação de Paulo Gomes. “Há uma história da tapeçaria e arte têxtil que não está nos livros da ‘grande’ História da Arte, havendo algumas razões para esse esquecimento. O primeiro a ser citado é o próprio lugar da tapeçaria na história da arte, cujo papel está, majoritariamente, ligado às artes decorativas, com pequeno ou nenhum destaque no estudo das ‘Belas Artes’. Marize Malta, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, discute o ‘limbo’ referente aos objetos do cotidiano. Ela diz que, devido à função ligada a certos objetos do cotidiano, esses vivem no limiar entre cultura material e arte, o que os condiciona a uma situação ‘inferior’ em relação às artes ‘maiores’, como pintura e escultura. A tapeçaria entraria nesse conjunto por sua história e tradição conectada à decoração de salas, móveis, entre outros, também ditos utilitários”, diz Grippa no texto curatorial de **Trama**.



Berenice Gorini



U.G. Sato

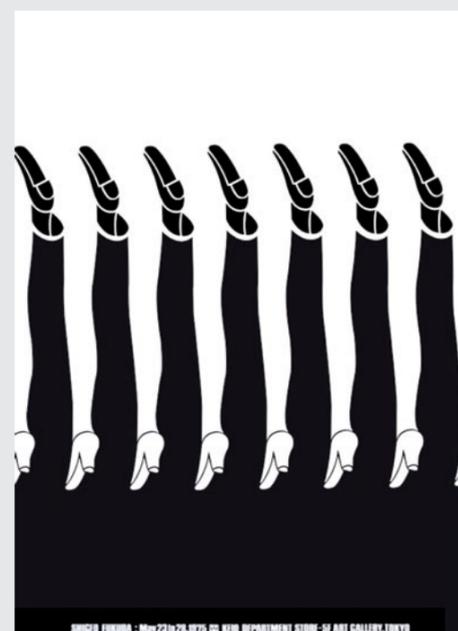


Mitsuo Katsui



Tadanori Yokoo

Ikko Tanaka é considerado o mestre dos mestres. Na seleção apresentada, destacam-se as obras que identificam a presença do Japão no conteúdo. Uma característica de **Kazumasa Nagai** é o design simples, mas, ao mesmo tempo, chamativo, principalmente ao lidar com logotipos de grandes empresas. Chama a atenção a aplicação de cores sólidas e diferenciadas e formas geométricas na composição dos trabalhos de **Mitsuo Katsui**. **Shigeo Fukuda** tem muitos fãs pelas peças carregadas de humor e cinismo. **Tadanori Yokoo** atua em diversas áreas, incluindo teatro, música, literatura, além de ter desenvolvido capas de álbuns para Os Beatles e Miles Davis. **Takashi Akiyama** é conhecido pelo design de fácil reconhecimento pelo uso de canetas hidrográficas. No entanto, toca em temas sociais ligados a catástrofes naturais e acidentes nucleares. A característica de **U.G. Sato** é a utilização de um estilo colorido, com uma pincelada de comicidade nas peças. ■



Shigeo Fukuda



Kazumasa Nagai

OS PRECURSORES DA ARTE TÊXTIL

No Rio Grande do Sul, os responsáveis pelo início dessa trama são **Zoravia Bettiol** e **Yeddo Titze**. Em 1968, eles embarcaram para Europa em busca de conhecimentos sobre o têxtil, mas buscaram cidades diferentes para fazê-los. Yeddo foi a Aubusson, um dos centros de tapeçaria mais reconhecidos na França, sendo uma das cidades em que Jean Lurçat trabalhou intensamente com diversos ateliês, trazendo artistas modernos, como Alexander Calder, Pablo Picasso e outros, para realizarem cartões a fim de serem tecidos, ajudando na modernização da técnica têxtil. Zoravia foi à cidade de Varsóvia, na Polônia, onde havia uma geração de artistas que estavam se voltando ao tecer, sendo estudada como a pintura e a escultura. Assim, os artistas poloneses, que têm como um dos principais nomes Magdalena Abakanowicz, tinham a experimentação como chave na construção de suas obras, explorando diversos materiais, estruturas e formas em seus trabalhos. Com essas influências bem diferentes, Zoravia Bettiol e Yeddo Titze retornaram ao Brasil e deram aulas: ele na Universidade Federal de Santa Maria, e ela em diversos espaços de Porto Alegre; criando-se, assim, uma geração de artistas ligados ao têxtil.

Trama: Arte Têxtil no Rio Grande do Sul apresenta 35 obras. Um grupo construído com técnicas mais tradicionais, como a de **Erica Turk**, **Jussara Cirne de Souza** e **Wilhelm Horvath**. Também há tapeçarias que ainda usam a lã, material mais tradicional, mas já buscam formatos e volume na peça, como na de **Yeddo Titze**, **Liciê Hunsche**, de **Ivandira Dotto** e de **Fanny Meimes**. Outras seguem com o formato plano, mas inovam nos materiais e no desenho, como é o caso das duas tapeçarias bordadas por **Salomé Steinmetz** e as de telas galvanizadas de **Ana Norogrande**. A exposição apresenta, ainda, trabalhos de **Heloisa Crocco**, que, a partir de rede e fibra de vime, desenvolve uma peça tecida, e de **Sônia Moeller**, que realiza um conjunto com as mais diversas técnicas, como bordado, tecelagem, colagem, entre outras.

Um último grupo traz trabalhos que não se enquadram no formato tapeçaria, mas tem no cerne da sua construção o tecer. **Zoravia Bettiol**, deu esse salto ao espaço, tecendo em bases de ferro, multiplicando os formatos que as suas obras poderiam adquirir, como é o caso do trabalho



Zoravia Bettiol

Granada, da série **Transparências Geométricas** (1974). Outra artista de destaque é **Berenice Gorini**, que realizou uma intensa pesquisa com materiais alternativos, como a palha, para a construção de formas orgânicas e vestimentas, essas segundas sendo bem conhecidas.

“O grande objetivo da exposição é mostrar os artistas mais relevantes da arte têxtil que são ou atuaram no Rio Grande do Sul e que tiveram uma trajetória relevante nesse segmento, participando de diversas mostras desenvolvidas no país a partir da década de 1970. Também é importante registrar a diversidade dessa produção, que do plano buscou a tridimensionalidade e que da tradicional lã foi para uma diversidade de materiais, mostrando a versatilidade de cada poética percorrida por cada um dos artistas”, diz Carolina Grippa. ■



Ana Norogrande



Yeddo Titze



Berenice Gorini



Yeddo Titze



Ana Norogrande

Sheila Hicks

Referência na arte têxtil, tem obras abrigadas nos melhores museus do mundo

Grandes e imponentes esculturas suaves, de bolas que compõem sinfonias cromáticas. Cortinas, cascatas e corrediças em algodão, linho ou lã, tingidas para dar vida à cor em três dimensões. Pequenas composições abstratas, tecidas diariamente em um tear em miniatura que carrega consigo há mais de cinquenta anos. Este não é apenas um trabalho, mas a vida de Sheila Hicks. Aos 87 anos, ela é referência absoluta, uma das maiores artistas têxteis e escultoras no mundo.

Recentemente, Sheila apresentou mais de 70 criações no museu Hepworth Wakefield em West Yorkshire, na Inglaterra. Grandes instalações que caem do teto ao chão, totens de algodão e fibra acrílica que fazem os principais museus do mundo correrem para adquiri-las para suas coleções permanentes.

Para entender sua paixão pelo “tecer”, é preciso voltarmos ao passado e conhecer um pouco sobre sua vida e suas experiências.

Sheila Hicks nasceu em 1934 em Hastings, no estado de Nebraska, no meio rural, onde sua família tinha um pequeno comércio de itens diversos. Sua infância se passa sob os efeitos da grande depressão e da 2ª. Guerra



Mundial, com a família se mudando para diversos lugares durante este período. Seus pais incentivavam que ela e seu irmão frequentassem atividades extraescolares, como esporte, arte e música, o que abriu seu horizonte para diversas áreas de interesse. Além disso, os irmãos frequentavam os verões de Hastings na casa de suas tias-avós, onde pintavam, desenhavam e costuravam.



Foto: Joanne Crawford



Após terminar o High School em Winnetka, Illinois, Sheila vai estudar artes em Syracuse. Dois anos de verdadeiro prazer, até que uma amiga a incentiva a enviar seu portfólio para Yale. Em 1954, foi aceita na Yale School of Art and Architecture (uma das poucas divisões que aceitavam mulheres na universidade), onde teve contato com duas figuras primordiais na sua formação: o chefe do departamento de artes, Joseph Albers, grande teorista das cores vindo da Alemanha, e o historiador de arte latino-americana George Kubler. Ela começa a pesquisar os efeitos físicos e psíquicos da percepção das cores e a arte têxtil vinda das civilizações pré-colombianas, tema de sua tese de formatura. Outra importante referência foram as aulas com o arquiteto Louis Kahn, que contribuiu para que ela desenvolvesse um especial senso de espaço, tão presente em sua obra até hoje.

Após se graduar em 1957, Sheila Hicks ganha uma bolsa de estudos da Fulbright para a universidade do Chile, onde leciona na Escola de Arquitetura da Universidade Católica e se torna parte do círculo artístico daquele país.

No ano seguinte, se muda para o México, onde conheceu seu primeiro marido, o apicultor Henrik Tati Schlubach. Em 1960 tiveram uma filha, mesmo ano em que ela e o MoMA de Nova York adquiriu sua obra “Blue Letter”.

Após uma breve estadia em Paris (1958), financiada por uma bolsa de estudos, Sheila percebe que a vida num rancho no México era incompatível com suas aspirações

artísticas. Assim, em 1964, ela deixa seu marido para viver na capital francesa com sua filha e começa a trabalhar para a empresa Knoll Associates, onde conhece seu segundo marido, o artista chileno Enrique Zañartu, que a introduz aos círculos artísticos surrealistas e latino-americano.

Em 1965, enquanto empreendia aquela que certamente é sua primeira obra-prima (“Banisteriopsis”, um empilhamento de peças em linho e lã de cor amarela), ela realiza seus primeiros trabalhos na Knoll Associates, as almofadas para a cadeira Tulip de Eero Saarinen. Logo também começa a trabalhar com a indiana Commonwealth Trust Handweaving Factory, para a qual concebeu o famoso tecido Badagara.

O ano de 1972 é considerado um divisor de sua carreira, quando é convidada a participar da exposição 72-Douze ans d’art contemporain en France, no Grand-Palais, em Paris, ao lado de grandes nomes como César, Tinguely and Nikki de Saint Phalle (ela e Sheila Hicks eram as únicas mulheres presentes na exposição).

Tanto sua casa como seu estúdio em Paris são um centro de trabalho eminentemente vivo e aberto, onde fios e tecidos dão forma a uma linguagem internacional, tátil, sensível e imediata. Para Sheila, a criação é um processo em movimento, que se alimenta de encontros e diálogos que a marcam, culturas e técnicas estudadas. ■



Iberê Camargo e Carlos Zilio

Carlos Zilio: Pinturas

Nesta exposição,
o artista reúne 30 obras
produzidas desde 1979

Carlos Zilio: Pinturas constituiu uma importante oportunidade de tomarmos contato com a produção de um artista fundamental da arte brasileira que soube, como poucos, traçar com rigor e coerência os vínculos entre vida, arte e política no Brasil e, ao mesmo tempo, trazer uma significativa reflexão sobre as contradições e os dilemas da pintura contemporânea.

Carlos Zilio escolheu a Fundação Iberê para celebrar seis décadas de trajetória. Com curadoria de Vanda Klabin, são apresentados 30 trabalhos do acervo do próprio artista e de coleções particulares, que contextualizam e refletem sobre uma série de obras produzidas entre 1979 e 2021, com o propósito de discutir problemas específicos da própria pintura. Submete o seu olhar contemporâneo à diversidade da experiência cultural, a determinadas formulações plásticas e códigos visuais extraídos da iconografia histórica, realocando-os, transfigurados, em suas telas. Zilio reconfigura o passado recente fazendo uma espécie de arqueologia da memória da pintura universal e desestabiliza o olhar, pondo em xeque a linha evolutiva das imagens e, conseqüentemente, a história da arte, na mesma acepção proposta pelo filósofo francês Didi-Huberman, em *Devant le Temps*.

“Essa mostra revê a importante produção de Zilio ao longo de sua trajetória artística, que foi inicialmente marcada, nos anos 1960, pela investigação conceitual, pela experimentação e pela presença de objetos com contextualizações políticas. Após atravessar um longo período em que a sua arte engajada tinha como foco uma produção estética investida de um alto teor político, ele abandona o contexto experimental para se entregar ao exercício livre da pintura. O seu embate com a história da pintura como uma permanente indagação, com as suas tensões e contradições, fazem parte das questões fundamentais que delineiam o desenvolvimento interno de sua linguagem pictórica. A formação multidisciplinar, com doutorado em arte na Universidade de Paris VIII, a fina erudição visual e o virtuosismo crítico consolidaram a sua efetiva presença na arte brasileira e fundamentaram conhecimento de um viés significativo no pensamento contemporâneo de arte no Brasil”, destaca Vanda, que por muitos anos trabalhou como coordenadora-adjunta de Carlos Zilio no curso de pós-graduação em História da Arte e Arquitetura na PUC-Rio.

Para Zilio, o que mais o atrai em seus antecessores é a maneira como eles captaram e sintetizaram toda a tradição da pintura universal: “Pintar passou a ser, para mim, pintar a pintura”. O gesto pulsante que emerge dessa pintura reflexiva confirma tanto a autonomia criativa quanto o amadurecimento de um pensamento

lentamente gestado e exercitado pelo artista em seu ateliê em Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Ele transita pela história da pintura, apropriando-se de códigos, estilos e gramáticas visuais que, por diversas razões, o instigam, como as cores orquestrais e elementos geométrizados de Tarsila do Amaral, Alfredo Volpi, Alberto da Veiga Guignard; as questões plásticas de Paul Cézanne e Jasper Johns, determinados arabescos de Henri Matisse; a disjunção da pintura frontal de Henri Rousseau; a pintura planar de Piet Mondrian; a organização espacial de Barnett Newman; o minimalismo de Robert Ryman; a exuberância cromática de Mark Rothko, entre tantos outros.

Seus trabalhos recentes têm como tema central e recorrente a figura do tamanduá. Por conta de uma história familiar, a figura do tamanduá, animal de estimação de seu pai, tem uma natureza intrínseca, pois sempre aparece em queda nas suas representações e adquiriu um aspecto vivencial que sublinha a afetividade e a nostalgia. Mas, também, segundo explica o artista, o tamanduá carrega o sentimento abismal da história, ou seja, uma representação à queda da história, das utopias. Os tamanduás rothkianos destacam uma outra camada de passado que se torna presente nesta arqueologia pictórica, explica Zilio. São uma espécie de laços inconscientes que se manifestam espontaneamente, cúmplices daquilo que quer expressar: uma modesta tentativa de estabelecer algum contato com as pinturas de Mark Rothko.





Foto: Vicente de Mello

Carlos Zilio teve uma proximidade e intensa convivência com Iberê Camargo. Foi seu aluno de pintura no antigo Instituto de Belas Artes da GB (atual Escola de Artes Visuais do Parque Lage) de 1962 a 1964. Após um período de produção marcado pela Nova Figuração e a arte conceitual, o reencontro de Zilio com a obra do Iberê só ocorreu ao ver a exposição deste em 1979 na Galeria Debret, em Paris. Esse fato coincidiu com a data em que

retomou a pintura como questão central da sua produção. Mais tarde, declarou que “a força e a atualidade de Iberê residem no aprofundamento de um antigo saber: a pintura”. Ele manteve um contato permanente com o pintor gaúcho mesmo após o retorno definitivo deste para Porto Alegre e ficou trabalhando no ateliê de seu antigo mestre no Rio por mais de duas décadas.

Foto: Fábio Del Re_VivaFoto



Foto: Vicente de Mello



Sobre o Artista

Carlos Zílio (Rio de Janeiro, 1944) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Estudou pintura com Iberê Camargo e participou de algumas das principais exposições brasileiras da década de 1960, como Opinião 66 e Nova Objetividade Brasileira, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e de mostras com repercussão internacional, entre elas, as edições de 1967, 1989 e 2010 da Bienal de São Paulo (9ª, 20ª e a 29ª), a 10ª Bienal de Paris (1977), a Bienal do Mercosul e a exposição Tropicália, apresentada em Chicago, Londres, Nova York e Rio de Janeiro, em 2005. Na década de 1970 morou na França. Em seu retorno ao Brasil, em 1980, participou de diversas mostras coletivas e individuais, entre as quais Arte e Política 1966-1976, nos Museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de São Paulo e da Bahia (1996 e 1997); Carlos Zílio, no Centro de Arte Hélio Oiticica (Rio de Janeiro, 2000) e Pinturas sobre papel, no Paço Imperial (Rio de Janeiro, 2005) e na Estação Pinacoteca (São Paulo, 2006).

As mais recentes exposições coletivas que integrou foram Brazil Imagine, no Astrup Fearnley Museet, em Oslo, MAC Lyon, na França, Qatar Museum, em Doha, e DHC/Art, Montreal, no Canadá, e Possibilities of the object – Experiments in modern and Contemporary Brazilian art, na The Fruit Market Gallery, em Edinburgh. Dentre as mais recentes exposições individuais estão as realizadas no Museu de Arte Contemporânea do Paraná (Curitiba, 2010), no Centro Universitário Maria Antonia (São Paulo, 2010) e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2011).

Em 2008, a editora Cosac Naify publicou o livro Carlos Zílio, organizado por Paulo Venancio Filho. Possui trabalhos em acervos de prestigiosas instituições como MAC/USP, MAC/Paraná, MAC Niterói, MAM Rio de Janeiro, MAM São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo e MoMA de Nova York.

Sobre a Curadora

Vanda Klabin vive e trabalha no Rio de Janeiro. É graduada em Ciências Políticas e Sociais pela PUC-Rio (1967–1970) e em História da Arte pela Uerj (1975–1978) e pós-graduada em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC-Rio (1980–1981), onde atuou como coordenadora adjunta do curso (1983–1992) e editora da revista Gávea, do Departamento de História PUC-Rio (1983–2002).

Foi diretora-geral do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro (1996–2000), onde organizou diversas exposições de artistas brasileiros e estrangeiros, como Alberto Guignard, Angelo Venosa, Alfredo Volpi, Amilcar de Castro, Antonio Bokel, Antonio Dias, Antonio Manuel, Carlos Zílio, Daniel Feingold, Eduardo Sued, Guillermo Kuitca, Hélio Oiticica e a Cena Americana, Henrique Oliveira, Iberê Camargo, José Resende, Luciano Fabro, Mel Bochner, Mira Schendel, Nuno Ramos, René Machado, Richard Serra, entre outros. Também foi coordenadora adjunta da Mostra Nacional do Redescobrimto – Bienal 500 anos (São Paulo, 1999–2000) e curadora do módulo A vontade construtiva na arte brasileira, 1950/1960” e integrante da exposição Art in Brazil, no Festival Europalia, apresentada no Palais des Beaux Arts – Bozar (Bruxelas, 2011–2012). ■



Fotos: João Liberato

André Ricardo em seu ateliê

As memórias de matriz popular e afro-brasileira de André Ricardo

No dia 4 de março, a Fundação Iberê abre a primeira exposição do ano do artista André Ricardo. Aos 37 anos, é um dos nomes da arte contemporânea brasileira que está mostrando a sua potência mundo afora. Recentemente retornou de Nova York, onde participou durante dois meses e meio do *RU Residency Unlimited*.

Nascido na cidade de São Paulo, onde vive e trabalha, André passou boa parte de sua infância e adolescência nos bairros do Grajaú e Campo Limpo. Em 2006, ingressou na Faculdade de Artes Visuais da USP, onde o caminho perseguido até a formatura foi um divisor de águas em sua vida, como lembra o curador Tadeu Chiarelli no texto da primeira individual do artista, em 2021, na Galeria Estação: “Apesar de criado no mundo reorganizado pela internet (ele nasceu em 1985), sua produção inicial se estabeleceu a partir de desenhos elaborados em suas viagens cotidianas entre o Grajaú (bairro paulistano nas bordas sul de São Paulo) e a usp (zona oeste da cidade). Produzidos como continuidade dos exercícios feitos nas aulas do Departamento de Artes Plásticas da eca usp, os desenhos realizados nos ônibus (às vezes parados nos congestionamentos, às vezes em alta velocidade) aos poucos foram sendo substituídos por outros desenhos, reminiscências daqueles deslocamentos em que André se impressionava com



Foto: Jaime Acioli

a quantidade de caminhões com caçambas, basculantes e escavadeiras espalhadas pelas ruas e avenidas – e também frutos de vivências ainda mais antigas. Com o passar do tempo, essas reminiscências começaram a ser traduzidas para a tela, demonstrando, de pronto, o quanto o jovem pintor parecia caminhar pela tradição da pintura, ecoando um universo formal específico: aquele de tradição construtiva.”

Para esta mostra, as obras de “André Ricardo: Pinturas” foram produzidas durante a pandemia. O momento de distanciamento social foi de união com a galerista Vilma Eid. Eles nunca perderam a fé. “André Ricardo está conosco desde o final de 2019. Passamos juntos a pandemia trabalhando e aguardando ansiosamente o momento de mostrar a sua produção. Durante esse período, fomos nos aproximando, estreitando os nossos laços. André tornou-se, além de artista, um amigo”, diz Vilma.

Um dos brilhantes alunos do pintor Paulo Pasta, André Ricardo realizou diversas exposições individuais e coletivas no Brasil, Portugal e Espanha. A Fundação Iberê é o primeiro museu no Brasil a receber o maior mostra do artista até agora.

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA NA PINTURA À TÊMPERA OVO

Essa exposição reunirá obras dos últimos cinco anos, período que inaugura uma nova etapa na minha trajetória. Nesse conjunto, é marcante a especulação de uma inteligência plástica de matriz popular e afro-brasileira. As composições trazem temas diversos e denotam um aspecto lúdico, remontando, por vezes, a memórias da infância.

A multiplicidade de figuras e formas se alia a ampla paleta de cores, sendo recombinações em diferentes composições. Outra característica marcante do conjunto é a adoção da pintura à têmpera ovo, técnica que potencializa a concretude da cor no espaço e, ao mesmo tempo, convoca o observador a posar os olhos sobre a superfície da pintura, percebendo suas transparências e contrastes.

ARTISTA QUE VEIO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

Nasci em São Paulo, em 1985, filho de pais nordestinos que vieram tentar a vida na capital paulista. Cresci na periferia da zona sul, nos arredores do Grajaú. Já na fase adulta, fui morar no Campo Limpo, também na periferia da zona sul, onde comecei a vida com minha esposa até o nascimento de nossa primeira filha, a Dandara, hoje com cinco anos.

Desde muito cedo demonstrei interesse por desenho. Gostava de ficar desenhando na escola e, também, no quintal de casa, ou na rua, com meu caderno no colo e os amigos ao redor. Os professores, vendo minha aptidão, orientaram minha mãe a me matricular em alguma oficina cultural. Foi aí que comecei, aos 11 anos de idade, a

frequentar as aulas de desenho e pintura do artista Algacyr da Rocha Ferreira, na Casa de Cultura de Santo Amaro, que ficava a cerca de 40 minutos de ônibus da minha casa.

Como minha mãe precisava trabalhar, eu ia sozinho, mesmo tendo apenas 11 anos. São Paulo, uma cidade tão grande e cheia de contrastes, foi marcante para o desenvolvimento da minha visão de mundo e da minha relação com a arte.

Ao longo de toda minha adolescência, atravessei a cidade em busca de exposições, atividades culturais e cursos de teatro, que foi uma grande paixão durante a juventude, cheguei até a trabalhar como ator em um seriado na TV Record, a Turma do Gueto. Quando terminei o ensino médio, me matriculei no curso técnico de design de interiores, mas logo vi que não era minha praia. No segundo semestre do curso, abandonei as aulas, com exceção da disciplina de história da arte que frequentava assiduamente. Foi nesse momento que decidi prestar vestibular e entrar na Universidade de São Paulo, para o curso de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes. Aliás, sempre gosto de lembrar que toda minha formação se deu por meio de instituições públicas, começando pelas casas de cultura e oficinas culturais, até a universidade.

EXERCÍCIO POÉTICO SOBRE A REALIDADE

A pintura é um modelo de pensamento. Sendo assim, ela está integrada a realidade na qual estou inserido. Nos últimos anos, com o agravamento da crise política no país, me vi provocado a repensar os rumos da minha obra. Como responder a esse momento crítico que estamos atravessando? Essa pergunta que faço a mim mesmo é, sem dúvida, um questionamento absorvido no exercício poético. No entanto, é preciso respeitar o tempo da obra, ter paciência e atenção para que ela seja algo revelador, nos provoque a perceber o mundo sob outra perspectiva.

ARTISTA – SER RESISTÊNCIA

Comecei muito cedo e, desde o início, tive a convicção de que seria um artista. Isso me ajudou a buscar formas de sustentar minha atividade, mesmo nos primeiros anos. Nunca pensei em fazer outra atividade que não fosse arte. Viver de arte é uma conquista difícil, mas não impossível. Não poderia viver sem pintar, mas para isso precisei ser estratégico, dividir meu tempo entre produzir no ateliê e ministrar cursos.

Durante a graduação, estudei bastante para absorver tudo que podia. Sendo o primeiro da minha família a pisar na universidade, tinha noção clara do privilégio que é ter acesso e poder se dedicar aos estudos. Essa formação sólida foi fundamental para minha inserção no mercado de trabalho. Nos primeiros dez anos, dei aulas em oficinas culturais públicas e na rede do SESC SP – Serviço Social do Comércio. Essa atividade paralela à prática de ateliê me permitiu ter os recursos necessários para viver e produzir meu trabalho, favorecendo o amadurecimento da obra sem

a preocupação de atender a demandas de mercado. Esse período de decantação da minha técnica e poética me preparou para as oportunidades que tenho hoje, como essa de expor numa instituição tão prestigiada como a Fundação Iberê.

Importante ressaltar também que, ao longo dos primeiros anos de carreira, tive muito apoio dos órgãos públicos culturais, sendo contemplado em alguns editais e prêmios de aquisição em salões de arte. Os programas de apoio à cultura e à educação são cruciais para a formação da nova geração de artistas e formação de público.

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA EM NY

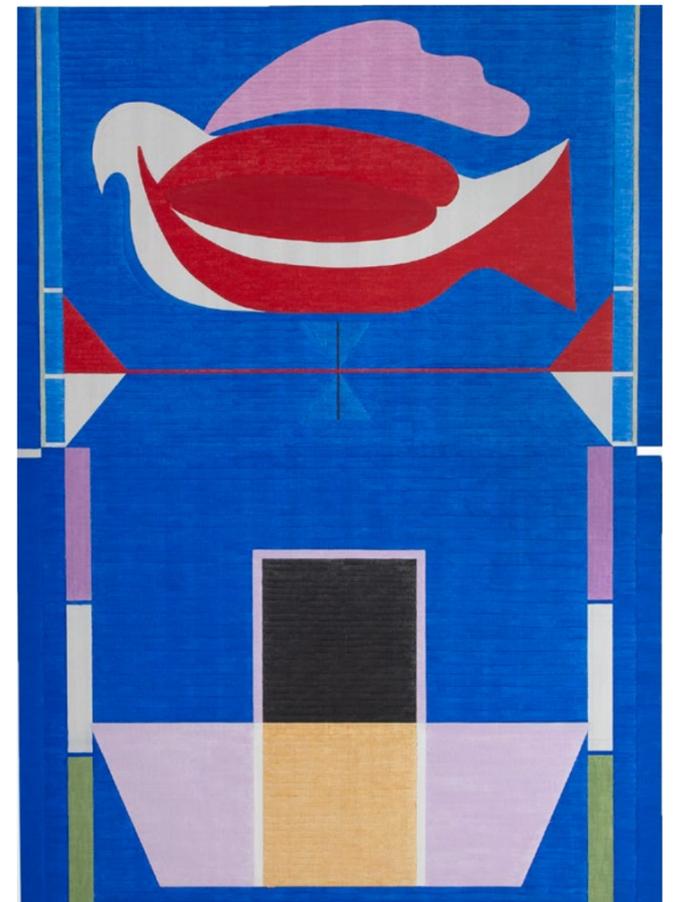
A residência em NY é um sonho antigo. Já tive outras experiências internacionais, como intercambista em Portugal e artista residente na Espanha. Contudo, nunca tinha visitado NY e tinha muito interesse em ver os museus e percorrer essa cidade tão intensa e cheia de coisas para ver.

A proposta de fazer essa residência teve início no final de 2021 e se tornou possível graças ao apoio da Galeria Estação e sua articulação com pessoas e instituições de arte nova-iorquinos. Nesse projeto, tivemos um importante apoio do Consulado Brasileiro pela concessão de uma bolsa para a residência na RU – Residency Unlimited.

Essa estada de dois meses e meio foi uma fase de grande aprendizado, onde convivi com artistas oriundos dos mais diversos pontos do globo e produzi para exposições que poderão ocorrer em galerias de NY. Também fui convidado para ser tema de um documentário, dirigido pela jornalista suíça Nicole Pallecchi.

LUGAR PARA SONHOS

A arte já me proporcionou muitas realizações. Viver por meio da pintura é, em si mesmo, a realização de um sonho. Sempre pensei uma carreira a longo prazo, sem pressa. Meu sonho é poder construir uma obra que possa permanecer. ■





André Ricardo: entre o que pintar e como pintar

Tadeu Chiarelli

Desde os anos 1980 me interesso por artistas que usam imagens prontas para produzirem seus trabalhos. Em 1987, inclusive, ao realizar minha primeira curadoria – Imagens de segunda geração, no mac usp –, tratei desse problema então já visível no ambiente artístico de São Paulo. Na época, a utilização de imagens prontas era conhecida como “apropriacionismo” ou “citacionismo”.

A recente trajetória do paulistano André Ricardo é um bom exemplo. Apesar de criado no mundo reorganizado pela internet (ele nasceu em 1985), sua produção inicial se estabeleceu a partir de desenhos elaborados em suas viagens cotidianas entre o Grajaú (bairro paulistano nas bordas sul de São Paulo) e a usp (zona oeste da cidade). Produzidos como continuidade dos exercícios feitos nas aulas do Departamento de Artes Plásticas da eca usp, os desenhos realizados nos ônibus (às vezes parados nos congestionamentos, às vezes em alta velocidade) aos poucos foram sendo substituídos por outros desenhos, reminiscências daqueles deslocamentos em que André se impressionava com a quantidade de caminhões com caçambas, basculantes e escavadeiras espalhadas pelas ruas e avenidas – e também frutos de vivências ainda mais antigas. Com o passar do tempo, essas reminiscências começaram a ser traduzidas para a tela, demonstrando, de pronto, o quanto o jovem pintor parecia caminhar pela tradição da pintura, ecoando um universo formal específico: aquele de tradição construtiva.

Envolvido com as questões formais que estruturavam sua produção, André passou a se preocupar cada vez mais com aquela tradição a que se filiara quase que à sua própria revelia, deixando que ela invadisse suas prioridades, colocando em segundo plano outro interesse sempre presente em sua consciência: a necessidade de diálogo entre a sua produção e a realidade brasileira. Assim, foi a partir dos episódios ocorridos no país entre 2015/2016 que o artista estabeleceu aquela que seria a primeira “correção de rota” de sua carreira: impregnado pelas questões que envolviam o Brasil naquele período, começa a ficar claro para o pintor que a preocupação estrutural que mantinha

com os elementos constitutivos da pintura – o plano, a linha e a cor – já não bastava para aplacar seu desejo de estabelecer-se de maneira mais entranhada na realidade social e política do seu entorno.

Afinal, há muito suas pinturas haviam deixado de se caracterizar como abstrações de seus deslocamentos por São Paulo, para se resumirem a manifestações dentro da tradição construtiva. Foi a partir dessa consciência que André Ricardo foi trazendo para dentro de sua poética outros aspectos de suas andanças por São Paulo: ele começou a se interessar por aspectos da arquitetura vernacular da cidade – sobretudo aquela que encontrava em seu caminhar por Campo Limpo, outro bairro da cidade, para onde se mudara – deixando-se impregnar por essas formas. Aos poucos, André passa a povoar suas pinturas com formas retiradas das fachadas das residências do bairro, pontuando com elas as estruturas construtivas que ainda permaneciam em suas obras.

Sua produção difere daquelas de muitos de seus colegas pelo fato de que, a cada pincelada, denuncia um conhecimento precioso a respeito de como atuar sobre o campo pictórico. André não cita Alfredo Volpi e Eleonore Koch, por exemplo, apenas por meio de formas e/ou espacializações; ele os cita igualmente desenvolvendo em suas telas um saber pictórico sofisticado e altamente erudito, aprendido na observação atenta das obras daqueles e de outros artistas do cânone mais respeitado da pintura ocidental.

A preocupação com o vernacular é visível nas alusões diretas ou indiretas (conscientes ou inconscientes) que André faz das obras de Emmanuel Nassar, Gilvan Samico, Antonio Maia, Véio, Alcides e tantos outros – apesar de André demonstrar estar mais interessado naquilo que transborda desses universos visuais tão peculiares, do que apenas nos signos usados por todos esses artistas. Mas não nos deixemos enganar: tais referências a essa ampla cultura visual de extração popular estão ancoradas numa tradição pictórica em que o “como pintar” é tão ou mais importante do que “o que pintar”. ■



Tadeu Chiarelli é curador, crítico de arte e professor titular no curso de Artes Visuais da USP. Foi diretor da Pinacoteca de São Paulo e do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP). Também já atuou como curador-chefe do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP).

Foto: Folha de S. Paulo/Reprodução



Foto: Márcio Neto

Residência Iberê

Casa-ateliê de Iberê Camargo será residência para artistas convidados

Em 2023, será inaugurado um programa de residência para artistas produzirem, pesquisarem e residirem no mesmo espaço onde Iberê Camargo viveu e trabalhou até o final da sua vida (agosto de 1994), no bairro Nonoai, zona sul de Porto Alegre.

“Promover o intercâmbio artístico foi o início deste projeto que, naturalmente, nos fez procurar a parceria com outras instituições, tanto aqui, como em outros países, criando oportunidades para o artista, o curador ou o pesquisador refletirem e produzirem, criando um verdadeiro network com estas novas experiências”.

Emilio Kalil, diretor da Fundação Iberê

Para Mélaïne Le Bihan, diretora da Aliança Francesa Porto Alegre, parceira institucional do Residência Iberê, “o projeto possibilitará novas experiências artísticas e humanas, através de encontros interculturais, que abrem novas perspectivas de práticas e dão espaço e visibilidade à criação artística. Esta é a filosofia da nossa parceria”.

Com área total de 490,24m², a casa-ateliê foi projetada em 1986 pelo arquiteto Emil Achutti Bered, 96 anos, um dos precursores da arquitetura modernista no Rio Grande do Sul. É também um dos arquitetos de carreira mais longa no

Brasil, que ajuda a contar o desenvolvimento da profissão. Entende-se por arquitetura moderna utilizar itens simples para construções surpreendentes e com designs à frente de sua época. Até hoje, os cinco pilares do arquiteto suíço Charles-Edouard Jeanneret-Gris (1887-1965), mais conhecido pelo pseudônimo de Le Corbusier, influenciado pela Semana de Arte Moderna de 1922, são levados em consideração por muitos estudiosos e praticantes do movimento. São eles:



- Fachadas sem divisórias e abertas ao público, deixando o espaço mais democrático;
- Ambientes integrados que interagem entre si;
- Terraço-jardim;
- Iluminação ampla com janelas que cobrem toda ou parcialmente a fachada;
- Pilotis que substituem paredes estruturais, deixando o espaço mais amplo para circulação.

Gaúcho de Santa Maria, Bered formou-se em Arquitetura no Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1949. Recém-formado, atuou como professor na mesma Universidade e abriu um escritório na Rua dos Andradas com o colega de curso Salomão Kruchin. Enquanto Kruchin buscava novos clientes, Emil Bered projetava obras, conciliando propostas radicais da arquitetura moderna à realidade existente.

É dele o projeto do prédio da Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), localizado na Avenida Senador Salgado Filho, na esquina com a Borges de Medeiros (1964); a Faculdade de Odontologia da UFRGS (1960); os edifícios Linck (1952) e Christoffel (1962), localizados ao final de uma pequena travessa em “cul-de-sac”, paralela à Praça Júlio de Castilhos, e o famoso edifício Redenção (1955), na Avenida João Pessoa, esquina com a Rua da República. Chama a atenção que, ainda na década de 1950, Bered colocava a arte em sua arquitetura. É o caso dos painéis instalados nos edifícios Linck, próximo à Avenida Independência, e Tanhauser, na Praça Rui Barbosa. Em mais de setenta anos dedicados à arquitetura, assinou mais de trezentos projetos, que agora foram registrados no livro “Emil Bered Arquiteto”.

O ENCONTRO DE DOIS ARTISTAS

Bered conheceu Iberê Camargo por intermédio do psiquiatra Fernando Guedes, amigo do pintor que recém tinha retornado do Rio de Janeiro e queria construir uma casa-ateliê. Em uma das visitas à residência do Dr. Guedes, no bairro Três Figueiras, Iberê se encantou pela arquitetura: espaços abertos, funcionais e com design moderno. Era aquilo que ele e Maria sonhavam em algum local ainda indefinido da cidade, mas que fosse bem arejado para evitar problemas de conservação das obras e que tivesse boa luminosidade para trabalhar.

“Quando conversei com Iberê, ele disse: ‘não tenho terreno, não tenho nada. Então quero que tu vejas onde vamos fazer.’ Eu fui procurar o terreno, primeiro, para saber qual a zona mais salubre para o ateliê. Na época, ainda não existia o bairro Nonoai, era Teresópolis, e na região alta vimos que era o lugar mais seco para as suas pinturas”, conta o arquiteto.

Por ser um artista e reconhecer a necessidade da liberdade criativa, Iberê Camargo não deu palpites no projeto de Emil Bered. O único pedido veio de Maria: muita parede para pendurar os quadros de seu marido.

Implantada num lote em aclave, a casa parece ter dois pisos. Mas o do nível da rua é ocupado pela garagem. O acesso principal é através de uma escada. A cor vermelha da porta de entrada contrasta com o branco e o cinza da fachada. Na área interna, chama a atenção a iluminação por claraboias e domus no hall e na circulação dos quartos. No quarto do casal, cada um tinha seu banheiro, que Emil Bered recorda com risos. No de Iberê, a pia foi adaptada para acomodar um corpo de mais de 1,80m de altura. “Era engraçado. O banheiro de Maria tinha a pia normal, e o de Iberê era uma bancada alta”.

Nos fundos da casa, fica o ateliê. São dois andares que ocupam quase a metade do terreno. Por que tão grande? Um pedido do artista. Era lá que ele passava a maior parte do tempo, que incluía muitas madrugadas. O ateliê era o espaço que Iberê dividia com a sua introspecção, com as suas tintas, com os seus erros e acertos e com seus humores. O ateliê era o mundo real de Iberê. Iberê Camargo e sua esposa, Maria Coussirat, se mudaram para a casa do Nonoai em 1988. Antes de entregar a obra, tal como uma tela, o pintor fez questão de que Emil Bered assinasse a obra na lateral, junto a uma das entradas.



PARECE QUE ESTOU DENTRO DE UMA NAVE ESPACIAL!!

“Por solicitação de Iberê fui incumbido de proceder todas as etapas, a fim de concretizar um trabalho de acordo com as normas de arquitetura vigentes, portanto a partir da escolha do local procurei obter dados a respeito do clima, topografia do terreno, orientação solar, ventos dominantes, etc.

A residência propriamente dita ocupa a parte frontal do terreno, distribuída em dois pavimentos, um de garagem e depósito e outro superior, contemplando o restante das funções: salas de estar/jantar, cozinha, área de serviço, dependência de empregada, dormitório do casal, dormitório para hóspedes, dois gabinetes, sendo um com acesso lateral privativo e outro para a esposa de Iberê.

Na parte posterior do terreno, implantou-se o ateliê do artista. Com dois pavimentos, sendo no térreo o ateliê de gravuras e um alojamento para o caseiro, e no nível superior, iluminado por claraboias e pequenas aberturas voltadas para o Leste, o ateliê de pintura. Era neste pavimento que Iberê passava a maior parte do seu tempo, até a madrugada.

O volume da casa é composto por um bloco único com platibandas horizontais bem marcadas, pintadas na cor branca, contrastando com os demais elementos nas cores azul, vermelho e cinza. A fim de atribuir elegância e serenidade à obra, se buscou a horizontalidade na concepção da residência.

Na conclusão do trabalho, um acontecimento pitoresco ocorreu, quando Iberê contemplando a construção exclamou: ‘Parece que estou dentro de uma nave espacial!’. Isto ficou gravado para sempre na minha memória. Missão cumprida! A casa se identificou com Iberê e Iberê se identificou com a casa!

Para finalizar, lembro deste trabalho com imenso carinho e apreço por ter sido realizado a pedido de um dos maiores artistas plásticos que este país já teve, Iberê pede que eu assinasse em uma das paredes de sua residência, como um artista assina sua obra. Eu acolhi o seu pedido.”

Trecho do livro “Emil Bered Arquiteto” ■

Exposições em 2023 na Fundação Iberê



Aos 37 anos, o pintor paulistano **André Ricardo** apresenta domínio técnico e expressivo através de suas pinturas, revelando uma reverência à tradição modernista. Nascido no Grajaú, subúrbio de São Paulo, André Ricardo enfrentou longas viagens de trem da estação Primavera, em Interlagos, até o campus da USP, onde foi aluno de Sonia Salzstein, Marco Giannotti, Marco Buti e Carlos Fajardo na Faculdade de Artes Visuais.



A artista plástica gaúcha **Vera Chaves Barcellos** celebrará 50 anos de trajetória com uma exposição que ocupará o átrio mais dois andares da Fundação Iberê. Além da individual, Vera está selecionando obras do acervo da instituição para uma exposição de Iberê Camargo que ocorrerá no mesmo período.

fest foto-

Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre – **FESTFOTO**

Carlos Carvalho, criador deste grande festival que alcançará sua 16ª edição, com certeza apresentará mais um encontro internacional de fotografia, colocando Porto Alegre no circuito dos grandes eventos do gênero.



Argentino radicado no Rio de Janeiro, **Alec Oxenford** é pioneiro dos empreendimentos pontocom da primeira onda dos anos 1990. Em 2008, fundou a OLX, entre outras empresas de tecnologia. Em paralelo, reúne a maior coleção de artistas contemporâneos argentinos, totalizando mais de 500 obras. Em 2023, abre três exposições no Brasil – Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre – para apresentar 140 obras de cerca de 85 artistas da Coleção Oxenford.



A paulistana **Carmela Gross** pertence a uma geração de artistas do final da década de 1960 – anos duros de enfrentamento da censura, atuando coletivamente nas ruas e em espaços alternativos, em manifestações que incluem a performance, o happening, o teatro, o vídeo e o cinema. A incorporação de práticas e elementos da vida cotidiana no âmbito da criação e o rompimento com as categorias tradicionais da arte, com o forte apelo por novas experimentações no âmbito estético, desencadeiam uma série de novas práticas fora dos museus e do circuito tradicional das artes.



O mineiro **Afonso Tostes** transferiu-se para o Rio de Janeiro no fim da década de 1980. Aluno de Daniel Senise, Charles Watson e Carlos Zilio na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, iniciou sua pesquisa com formas estruturais orgânicas. Inicialmente na pintura, e mais tarde na escultura, onde vértebras, crânios, ossos e rótulas foram objetos de estudo, ganhando, nas obras, representação redimensionada, resultado de madeiras recuperadas de demolições e canteiro de obras.



Nascida em Munique, em 1973, e criada em São Paulo, **Janaina Tchspe** vive e trabalha em Nova York desde 1997. Suas pinturas têm um aspecto líquido e translúcido, que recordam contornos vegetais, animais ou minerais em paisagens silvestres e subaquáticas. A natureza não é retratada, mas tem sua dinâmica vital traduzida em termos pictóricos, em grandes superfícies que levam o olho a passear, envolvendo o público numa ambiência inquieta.



Nascido em São Luís do Maranhão, em 1981, **Thiago Martins de Melo** desenvolve telas imponentes com críticas à necropolítica, do extermínio dos povos indígenas ao genocídio da juventude negra. Além do forte conteúdo político, que chama muito a atenção, a técnica nas pinturas do artista é notável, com um exímio rigor formal.



Para contribuir com a
Fundação Iberê acesse
www.iberecamargo.org.br

Fundação Iberê



APOIE A FUNDAÇÃO IBERÊ

A Fundação Iberê trabalha de forma contínua pelo estabelecimento de uma rede de colaboradores, patrocinadores, parceiros e amigos para viabilizar a manutenção de seus projetos e atividades.

O **Gift Card 2023** dará acesso gratuito a diversas instituições parceiras da Fundação Iberê, como a Casa Roberto Marinho/RJ, o Instituto Tomie Ohtake, o MAM-SP, o MASP e a Pinacoteca/SP.

Instituições Parceiras



mam MASP Pina_

CARRETÉIS NA SUA CASA

“Símbolo, signo, personagem – o carretel –, brinquedo da minha infância e agora, nesta fase, tema da minha obra, está impregnado dos conteúdos do meu mundo.

Iberê Camargo

Em parceria com a Fundação Iberê, a Mineral criou o banco/mesa de apoio em alusão aos carretéis de Iberê Camargo, usando as cores das obras do artista como referência.

O resultado é uma base de fibra, com coluna central em alumínio e superfície em madeira maciça jequitibá. A regulagem de altura é feita com uma "agulha" e uma "linha" na base do móvel, remetendo novamente ao tema.



Loja Iberê

Edição limitada
disponível na **Loja Iberê**



A EVOLUÇÃO DA ARTE

Atuante na fruição das exposições e atividades da Fundação Iberê, a diretora Ingrid de Krões abriu sua casa para uma conversa sobre a evolução da arte com Fernanda Vidigal e Nathalie Felsberg, da 2.artlovers. O evento continuou no centro cultural, com uma visita guiada para cerca de trinta mulheres às mostras de Rodrigo Andrade – Pintura e Matéria e Assombrações: um diálogo pictórico com Iberê Camargo – e ao recorte da 13ª Bienal do Mercosul, que apresenta uma individual inédita do escultor espanhol Jaume Plensa.

RECEPÇÃO A RODRIGO ANDRADE

Maria Elena Johannpeter e Jorge Gerdau Johanpeter, foram os anfitriões do jantar oferecido ao artista Rodrigo Andrade, que está com duas exposições no centro cultural: **Rodrigo Andrade – Pintura e Matéria e Assombrações: um diálogo pictórico com Iberê Camargo.**



Fotos: Nilton Santolin

Acima: Artista André Ricardo; galerista Roberto Eid; o casal Maria Elena Johannpeter e Jorge Gerdau Johanpeter e Ricardo Ohtake, presidente do Instituto Tomie Ohtake. **Ao lado:** Jorge Gerdau Johannpeter e Ricardo Ohtake. • Gunter Axt, secretário de Cultura de Porto Alegre; Carmen Ferrão, presidente da Fundação Bienal, e seu marido Josue Vânius Hoewell e Raimundo Barretto Bastos, presidente CEEE Grupo Equatorial, com a esposa Elisabete Marques Bastos. • Nara e Nelson Sirotsky e Rodrigo Andrade. • Justo Werlang e Mathias Kisslinger Rodrigues.

ARTE SOLIDÁRIA

Em outubro, a Fundação Iberê sediou o evento promovido pela WIZO RS, Ensemble de Câmara. Além da visita mediada às exposições, o público lotou o auditório para assistir ao concerto com músicos do projeto Música no Iberê.

Fundada em 1920 na Inglaterra por Rebeca Siegfried, a Wizo é uma organização feminina beneficente que, além de preservar e divulgar a cultura e tradições judaicas, atua no desenvolvimento das populações locais, através de inúmeras ações sociais de solidariedade e beneficência. É a única organização sionista com status de observador da Organização das Nações Unidas.





Confira abaixo nossa programação de exposições

As visitas podem ser agendadas pelo Sympla, aponte a câmera de seu celular no QR code ao lado para mais informações.

Visite nosso site: www.iberecamargo.org.br



7 MESTRES DO DESIGN GRÁFICO JAPONÊS

03 DEZ > 26 FEV



TRAMA
ARTE TÊXTIL NO RIO GRANDE DO SUL

03 DEZ > 26 FEV



CARLOS ZILIO
PINTURAS

10 DEZ > 23 ABR



ASSOMBRAÇÕES
UM DIÁLOGO PICTÓRICO COM IBERÊ CAMARGO

27 AGO > 09 ABR



Lei de Incentivo à CULTURA

A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA. AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES.



IBERÊ NAS ESCOLAS

APOIO



REALIZAÇÃO

IBERÊ RENOVA

PROGRAMA EDUCATIVO

PETROBRAS CULTURAL MULTÍPLAS EXPRESSÕES



MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2022

BENEMÉRITO: JORGE GERDAU JOHANNPETER

CONSELHEIROS MANTENEDORES: ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN | DULCE GOETTEMES

FRANCES REYNOLDS | GLAUCIA STIFELMAN | HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER | JAYME SIROTSKY | JOSEPH THOMAS ELBLING

LIVIA BORTONCELLO | NELSON SIROTSKY | OLGA VELHO | RENATO MALCON | RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN

WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING **MANTENEDORES OURO:** ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO

EDUARDO BRAULE-WANDERLEY | IRINEU BOFF | JÚLIO LANES | JUSTO WERLANG | PATRICK LUCHESE | SILVANA ZANON